



ENTRAVES NO USO DE PRESERVATIVO FEMININO ENTRE JOVENS DE UM CENTRO DA JUVENTUDE EM RECIFE: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO SOBRE INFORMAÇÃO E ACEITAÇÃO

Matheus Rodrigues Torres Farias¹
matheus.rodriguestorres@upe.br

Ilvya Mirella Serra de Santana¹
ilvya.santana@upe.br

Ivanna Carla De Melo Souza¹
ivanna.carla@upe.br

Marcela Silvestre Outtes Wanderley¹
marcela.wanderley@upe.br

Daniela de Araújo Viana Marques¹
daniela.viana@upe.br

¹Universidade de Pernambuco, Campus Santo Amaro

INTRODUÇÃO

As infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) têm causado sérias morbidades em todo o mundo. Em 2019, a Organização Mundial da Saúde (OMS) estimou que houveram 376 milhões de novos episódios de clamídia, gonorreia, sífilis e tricomoníase (Rowley J *et al.*, 2019). No Brasil, os adolescentes enfrentam um risco, particularmente, elevado de ISTs, tanto do ponto de vista comportamental, quanto biológico. Em relação ao comportamento, os jovens são mais propensos a se envolver com múltiplos parceiros sexuais e praticarem sexo desprotegido. Biologicamente, a vulnerabilidade é aumentada pela maturidade incompleta do sistema reprodutivo e imunológico.

Estudos indicam que o aumento no índice de portadores de ISTs está associado à falta de informações sobre essas infecções e suas formas de transmissão e prevenção, ao início precoce da atividade sexual e à falta de comprometimento no uso de preservativos. Dados do CEBRAP (Centro Brasileiro de Análise e Planejamento) mostram que, embora tenha havido um aumento no uso de preservativos em encontros sexuais com parceiros fixos, passando de 19,1% em 1998 para 33,1% em 2005, a taxa ainda é menor entre indivíduos com ensino superior, em comparação com aqueles com ensino médio. Apesar disso, muitos indivíduos têm o início da vida sexual entre 15 e 16 anos e a maioria não faz uso dos preservativos, especialmente entre aqueles que iniciaram a vida sexual antes dos 14 anos (Berquó E *et al.*, 2008).

Mesmo com os esforços para divulgações, principalmente na mídia, as informações sobre métodos de prevenção contra as ISTs ainda não abrangem todas as infecções e são insuficientes para alcançar, de maneira igualitária, toda a população, especialmente os mais jovens (BRASIL, 2014; MESQUITA *et al.*, 2017). Nesse contexto, o preservativo feminino emerge como uma alternativa importante, promovendo não apenas proteção, mas também a autonomia feminina nas relações sexuais. O preservativo feminino oferece uma eficácia alta na prevenção de gravidez e ISTs, com uma taxa de gravidez de 21 em 100 mulheres após o primeiro ano de uso, reduzida a cinco quando utilizado corretamente e consistentemente (Oliveira, J. C. P *et al.*, 2012).

No entanto, o uso desse método enfrenta desafios significativos, como a dificuldade em obter o preservativo e o desconforto associado à sua inserção, o que pode levar a um sentimento de constrangimento entre muitas mulheres. Diante desse cenário, o objetivo deste estudo foi realizar uma análise exploratória sobre o uso, a opinião e o acesso dos jovens ao preservativo feminino. Utilizando um questionário, o estudo buscou entender as barreiras e percepções dos jovens em relação a esse método de proteção, identificando as principais dificuldades enfrentadas para acessar e utilizar o preservativo feminino e avaliando o nível de conhecimento e aceitação desse método.

MATERIAIS E MÉTODOS



Trata-se de um estudo descritivo e exploratório conduzido no Centro da Juventude de Santo Amaro, local que abriga e acolhe jovens em situação de vulnerabilidade social. A pesquisa abrangeu 16 jovens com idades entre 18 e 24 anos. Foi proposto um questionário para fazer uma análise social e comportamental relacionadas ao conhecimento sobre a camisinha feminina ou não, desta forma, as seguintes perguntas foram usadas no questionário para o presente estudo: qual o seu sexo?; Quantos anos você tem?; Já ouviu falar sobre camisinha feminina?; Principal fonte que obteve a informação sobre o preservativo feminino; Sabe usar camisinha feminina?; Já usou camisinha feminina?; Se já usou, qual a frequência?; Visivelmente, o que parece?. Então, a partir das respostas coletadas do questionário, foi possível fazer a análise e interpretação dos resultados através do cálculo da frequência relativa de cada uma das respostas obtidas por esta população utilizando o Microsoft Excel.

É de suma importância destacar que o projeto foi submetido ao comitê de ética (nº 46561421.4.0000.5192).

RESULTADO E DISCUSSÃO

Foi possível, a partir dos dados coletados, obter a participação de 16 alunos do Centro da Juventude de Santo Amaro. No presente estudo, 10 indivíduos eram do sexo masculino (62,5%) e 6 do sexo feminino (37,5%), com a idade entre 18 e 24 anos sendo a mais prevalente (81,3%). Dentre esses alunos, 14 (87,5%) já obtinham o conhecimento sobre o preservativo feminino, com o auxílio da Instituição escolar, em que 8 (57,1%) adquiriram a informação através dela. Além disso, a mídia também foi citada na pesquisa, visto que 5 pessoas já ouviram falar sobre o assunto a partir das redes sociais (35,7%) e 1 pessoa (7,1%) foi através dos amigos, por exemplo. Entretanto, apesar da porcentagem, 62,5% não sabem utilizar a camisinha feminina e 93,8% nunca usaram. Os argumentos utilizados para a não utilização foram variados entre ser desconfortável (65%) e difícil de usar (20%).

Dito isso e após algumas análises, é imprescindível destacar a prevalência entre a idade de 18 a 24 anos, faixa etária essa em que existe um índice mais elevado, com relação às infecções sexualmente transmissíveis, podendo ser argumentado pelo fato de ser um público que tem uma baixa taxa de uso do preservativo (Martins, *et al.*, 2023). A falta de compreensão sobre o uso correto do preservativo dificulta a sua aplicação adequada, colocando o indivíduo em risco de contrair doenças sexuais. Atualmente, percebe-se que a falta de entendimento do método mencionado e o desconhecimento da anatomia corporal são barreiras ao uso da camisinha feminina. Além disso, a influência e a dependência do parceiro também contribuem para que as mulheres não adotem tal método, uma vez que há uma resistência por parte dos homens em utilizar outro método de prevenção, sendo, muitas vezes, apenas o preservativo masculino ou até mesmo a ausência dele (Martins, *et al.*, 2023).

Um ponto importante para ser destacado é sobre a questão do gênero, visto que está diretamente ligada à vida sexual, muitas vezes limitando a mulher nas suas escolhas. Ainda existe uma certa dominação sexual masculina que afeta a decisão para o uso do preservativo feminino como método contraceptivo. Tal questão se dá quando o parceiro sexual prefere apenas o preservativo masculino, argumentando que apenas esse já sugere uma alta garantia de eficácia. Ademais, segundo um estudo realizado na cidade de Maceió, foi revelado que, no ano de 2013, preservativos masculinos foram mais distribuídos do que os preservativos femininos para a população, sendo, em média, 1,5 milhão apenas nos primeiros 4 meses do ano. (Acosta, *et al.*, 2015)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, a partir deste estudo, foi possível destacar que uma pequena parcela dos jovens do Centro da Juventude de Santo Amaro não tinha conhecimento sobre a existência do preservativo feminino, ou seja, a maioria já tinha um entendimento prévio sobre o assunto. Em contrapartida, muitos não sabiam utilizar o preservativo feminino, inclusive, destacando o desconforto que aparentava ser a sua utilização. Desta forma, os resultados obtidos na presente pesquisa fornece informações essenciais para propor desenvolvimento de mais ações sociais, incluindo estudos e pesquisas, relacionadas à educação sexual, principalmente nos locais em que predominam os jovens,



para que esses possam ter mais conhecimentos sobre métodos de proteção que possam preveni-los de uma infecção sexualmente transmissível.

PALAVRAS-CHAVE Infecções sexualmente transmissíveis. Prevenção. Educação.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à UPE pelo apoio no desenvolvimento desta pesquisa, também gostaríamos de agradecer as orientadoras Professora Dra. Daniela de Araújo Viana Marques e a Professora Dra. Marcela Silvestre Outtes Wanderley por ajudar na construção desse resumo e por último gostaríamos de agradecer a Liga Acadêmica de Parasitologia e Infectologia da Universidade de Pernambuco (LAPIUPE) por proporcionar uma ação no Centro da Juventude Social de Santo, que foi essencial para construção da pesquisa.

Referências

- ACOSTA, DANIELE FERREIRA; COSTA, JAQUELINE DO ESPÍRITO SANTO; GOMES, VERA LÚCIA DE OLIVEIRA. A camisinha feminina sob o olhar do homem. **Revista de Enfermagem UFPE**, p. 47-53, 2015.
- ALBUQUERQUE, G. A. Autonomia sexual feminina: o preservativo feminino nas práticas eróticas. **Revista Saúde.Com**, v. 11, n. 2, p. 123-136, 2015. Disponível em: <http://periodicos2.uesb.br/index.php/rsc/article/view/352/284>.
- BERQUÓ, E; *et. al.* Tendências no uso de preservativos: Brasil 1998 e 2005. **Revista de Saúde Pública**, v. 42, suplemento 1, p. 34-44, 2008.
- MARTINS, HKP.; SOARES, LOL.; *et. al.* Conhecimento de estudantes universitários sobre o uso do preservativo feminino. **Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento, [S. l.]**, v. 12, n. 7, p. e16412742692, 2023. DOI: 10.33448/rsd-v12i7.42692. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/42692>.
- MESQUITA, J. S. *et al.* Fatores de risco e proteção entre adolescentes em relação às DST/HIV/AIDS. **Revista de Enfermagem UFPE online**, v. 11, n. 3, p. 1227-1233, mar. 2017.
- OLIVEIRA, J. C. P.; WIEZORKIEWICZ, A. M. O conhecimento das mulheres sobre o uso do preservativo feminino. **Ágora: Revista de Divulgação Científica**, v. 17, n. 1, p. 79-84, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.24302/agora.v17i1.52>.
- ROWLEY, J. *et al.* Clamídia, gonorreia, tricomoníase e sífilis: estimativas globais de prevalência e incidência, 2016. **Bulletin of the World Health Organization**, v. 97, p. 548-562, 2019. doi: 10.2471/BLT.18.228486.